



# “E daí?”: produções multimodais sobre vidas perdidas\*

**Sandra Pereira Bernardo**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

<https://orcid.org/0000-0001-6952-9138>

**Naira de Almeida Velozo**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

<https://orcid.org/0000-0002-4868-5526>

**Bruna de Moraes**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

<https://orcid.org/0000-0003-4341-4222>

## RESUMO

Análises de duas produções multimodais sobre a conduta do presidente do Brasil frente à COVID-19 à luz da Teoria da Metáfora e da Integração Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980]; FAUCONNIER; TURNER, 2002; FORCEVILLE, 2006, 2008), a fim de descrever estruturas e processos cognitivos subjacentes à construção de sentidos dos objetos selecionados. As análises revelam redes de escopo duplo em ambas as representações conceituais das produções, que objetivam, por meio da mesclagem de sinais linguístico, imagético, gestual e sonoro contar uma história de vulnerabilidade e perdas ocasionadas pela postura negacionista e leviana do chefe da nação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metáfora conceitual; Integração conceitual; Produções multimodais; Governo brasileiro; COVID-19

## So What? Multimodal creations about lost lives

### ABSTRACT

Analysis of two multimodal productions on the conduct of the President of Brazil towards COVID-19 in the light of the Theory of Metaphor and Conceptual Blend (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980]; FAUCONNIER; TURNER, 2002; FORCEVILLE, 2006, 2008), in order to describe cognitive structures and processes underlying the construction of meanings of the selected objects. The analyzes reveal networks of double scope in both conceptual representations of the productions, which aim, through the mixture of linguistic, imagetic, gestural and audible signals to tell a story of vulnerability and losses caused by the negativist and frivolous posture of the head of the nation.

**KEYWORDS:** Conceptual metaphor; Conceptual blend; Multimodal productions; Brazilian government; COVID-19

\* Produção bibliográfica vinculada ao projeto FAPERJ nº E-26/010.000145/2016.



## 1. Introdução

Analisamos, neste artigo, produções multimodais que retratam manifestações sobre aumento do número de vítimas do COVID-19 no Brasil, frente às afirmações do presidente do país, com vistas a descrever estruturas e processos cognitivos subjacentes à construção de seus sentidos. Para tal, recrutamos as teorias da Metáfora e da Integração Conceptual (LAKOFF e JOHNSON, 2002[1980]; FAUCONNIER e TURNER, 2002), bem como os estudos de Forceville (2006, 2008) acerca de produções multimodais.

Selecionamos duas produções multimodais: uma postagem da página *UERJ da Depressão* (UDD), em que os administradores postaram uma imagem semelhante a um gráfico com percentuais crescentes de vidas perdidas ligados a falas e expressões faciais de Bolsonaro, demonstrando, no mínimo, descaso pelas perdas dos brasileiros. O outro objeto de análise é uma *deepfake* que sobrepõe o rosto do presidente ao de Bettina Rudolph, conhecida por ter estrelado um vídeo sobre o acúmulo de mais de um milhão de reais em três anos, o qual viralizou na Internet e originou inúmeros memes e *posts*. Na *deepfake*, apresenta-se uma fórmula simples para se atingir a meta de um milhão de contaminados pelo novo coronavírus.

Criada em 2010, a página UDD surgiu seguindo a tendência de outras universidades públicas do país que possuíam a sua respectiva página virtual. Na época de sua criação, a página foi aberta por três administradores como canal de interação com/entre a comunidade uerjiana. Além de temas ligados ao cotidiano da UERJ, outros temas passaram a ser postados, incluindo imagens e informações extraídas de outras páginas ou meio de comunicação digital. Em 2020, muitas postagens da UDD relacionam-se ao quadro sanitário e político brasileiro.

O termo *deepfake*, formado a partir da expressão *deep learning* (aprendizagem profunda) e do vocábulo *fake* (falso), designa qualquer montagem audiovisual criada pelo uso de uma técnica de Inteligência Artificial (IA) que permite substituir rostos, vozes e discursos para criar vídeos falsos com aparência realista. No Brasil, *deepfakes* de grande circulação são humorísticos e exibem cenários absurdos com o propósito de cobrar e criticar o atual Governo por meio da sátira. O precursor dessas produções é o jornalista e editor de vídeos Bruno Sartori, que as divulga em seu canal do *YouTube* e em suas redes sociais<sup>1</sup>.

Nas próximas seções, serão apresentadas, respectivamente, a fundamentação teórica (seção 2), a análise das produções multimodais selecionadas (seções 3 e 4) e as considerações finais.

## 2. Fundamentação teórica

Na comunicação mediada por dispositivos eletrônicos, estratégias visuais e linguísticas simulam conversas reais, transformando as máquinas (e seus programas) que propiciam tais interações em âncoras materiais. Essa capacidade, segundo Hutchins (2005), deve-se a um fenômeno geral e antigo da cognição humana: a associação entre estrutura conceptual e estrutura material.

<sup>1</sup> Por questões autorais, não reproduziremos fotos e vídeos. O acesso às produções multimodais integrais será via *link* das páginas citadas.

Para Hutchins (2005), a integração (ou mescla) conceptual é uma abordagem teórica ideal para tratar da relação entre as estruturas conceptual e material. A teoria da integração conceptual de Fauconnier e Turner (2002), desenvolvida a partir da teoria dos espaços mentais, consiste em uma operação mental básica altamente imaginativa, que surge de uma rede de espaços mentais, cuja configuração mínima envolve a projeção seletiva de elementos de quatro espaços em uma configuração básica: espaços de entrada (*input* 1 e 2) interconectados; espaço genérico, que contém elementos comuns aos dois espaços de *input* em qualquer momento da ativação da rede de integração conceptual; espaço-mescla, aquele em que elementos dos espaços de entrada são parcialmente projetados.

Esse processo de integração ocorre devido a três operações cognitivas básicas inter-relacionadas: identidade, integração e imaginação. Perceber identidade, equivalências e oposições, entre todas as coisas (concretas ou abstratas), a fim de estabelecer-lhes relações e/ou delimitá-las, é resultado de um trabalho complexo e elaborado da mente. Identidade e integração não podem explicar o significado e seu desenvolvimento sem a imaginação, pois, mesmo com ausência de estímulo externo, o cérebro pode produzir simulações: ficção, sonho, cenários hipotéticos, fantasias.

O espaço-mescla resultante dessa projeção seletiva apresenta uma estrutura emergente com uma configuração distinta das estruturas proporcionadas pelos *inputs* inter-relacionadas de três maneiras: (i) composição – tomadas em conjunto, as projeções dos *inputs* engendram novas relações utilizáveis que não existiam separadamente nos *inputs*; (ii) completamento – conhecimentos anteriores, *frames* e esquemas culturais permitem projetar a estrutura compósita no interior da mescla por transferências parciais de estruturas dos *inputs* e serem vistos como parte de uma ampla estrutura autocontida na mescla; (iii) elaboração – completada na mescla, a estrutura pode então ser elaborada através de um processo cognitivo desempenhado em seu interior, de acordo com sua lógica própria e emergente. Essa estrutura emergente pode produzir novas relações conceptuais, que podem servir de *input* para novas mesclas.

Assim, a capacidade de abrir, conectar e mesclar espaços mentais fornece um *insight* global, uma compreensão em escala humana e um novo sentido, tornando os seres humanos mais eficientes e criativos. Um dos mais importantes aspectos dessa eficiência, em termos de *insight* e criatividade, é a compressão alcançada por meio da integração de relações conceptuais, denominadas relações vitais.

Tanto Fauconnier e Turner (2002) quanto Hutchins (2005) trabalham com o conceito de âncora material, porém este último confere um caráter mais experiencial a tal conceito, responsável pela estabilidade das representações conceptuais formadas por modelos culturais, que não são apenas ideias contidas nas mentes, mas encarnadas em artefatos materiais. Para ilustrar a relação entre estrutura conceptual, âncora material e inferências baseadas em modelos culturais, Hutchins (2005, p. 1559-1560) exemplifica o conceito de fila.

Formar fila é prática cultural que cria uma memória espacial para a ordem de chegada. Os integrantes da fila usam seus próprios corpos e as localizações dos mesmos no espaço para codificar as relações de ordem, como noção de ordem sequencial, representada numa ordem direcional como uma trajetória. “Nossos sistemas perceptivos têm um viés natural para encon-

trar uma estrutura em forma de linha”<sup>2</sup>. Assim, o conceito de fila requer a mesclagem entre a estrutura física da linha e a trajetória direcional imaginada, transformando a linha em uma fila (HUTCHINS, 2005, p. 1559).

Segundo Hutchins (2005), o processo de mescla conceptual pode ser visto não apenas como um processo inteiramente conceptual, mas em interação com o mundo físico. A forma como as pessoas vêm cada vez mais interagindo por meio de dispositivos eletrônicos, com todas as suas funcionalidades e possibilidades, reveste-se de materialidade por conta das experiências projetadas a partir desses recursos tecnológicos. Em outras palavras, os recursos tecnológicos e seus componentes são âncoras materiais que propiciam não apenas comunicação e interação, mas uma vivência cada vez mais real, permeada de informações e emoções compartilhadas, negócios realizados, atitudes tomadas, vidas/faces criadas, embora virtual.

Trata-se de um processo ativado localmente, *on-line*, mas fundamentado por *frames*, esquemas imagéticos, domínios ou modelos cognitivos idealizados (MCIs), já que os elementos ativados pelos espaços mentais integram conhecimentos armazenados de forma organizada em termos conceptuais. Assim, essas estruturas conceptuais organizam as experiências humanas, na medida em que lhes promovem coerência, por isso são utilizadas pelos conceptualizadores.

Os esquemas imagéticos formam-se por meio da percepção sensório-motora das experiências humanas mais primitivas, ligadas a uma série de situações experienciadas na interação com o ambiente (GIBBS; COLSTON, 2006[1995]). Os *frames* podem ser definidos como qualquer “sistema de conceitos relacionados, de tal forma que, para entender qualquer um deles, é necessário compreender toda a estrutura em que se enquadram” (FILLMORE, 2006, p. 373)<sup>3</sup>. A noção de domínio foi definida por Langacker (1987, p. 147) como “[u]m contexto para a caracterização de uma unidade semântica”<sup>4</sup>. *Frames* e domínios são menos esquemáticos, portanto mais específicos, que os esquemas imagéticos. Os MCIs, por sua vez, unem a noção de *frame* a expectativas socioculturais, sendo compreendidos como um conjunto complexo de *frames* (LAKOFF, 1987).

Essas estruturas conceptuais fundamentam conhecimentos e experiências ativados pelos espaços mentais. Os conteúdos conceptuais ativados podem ainda ser de natureza metafórica e/ou metonímica. No âmbito da Linguística Cognitiva, metáforas permitem a conceptualização de um domínio em termos do outro. Segundo Lakoff e Johnson (2002[1980]), os processos do pensamento são em grande parte metafóricos.

Por exemplo, a compreensão de discussão em termos de luta, presente em “seus argumentos são indefensáveis”; evidenciada pelo uso de “indefensáveis”, ilustram a metáfora conceptual DISCUSSÃO É LUTA. Essa metáfora surge da integração entre dois domínios distintos: o domínio fonte LUTA com base no qual o domínio alvo DISCUSSÃO é experienciado.

Semelhantes às metáforas, na Linguística Cognitiva, metonímias também apresentam uma natureza conceitual, porque consistem em “um processo cognitivo no qual um elemento ou en-

<sup>2</sup> No original: “Our perceptual systems have a natural bias to find line-like structure”.

<sup>3</sup> No original: “By the term ‘frame’ I have in mind any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits”.

<sup>4</sup> No original: “A context for the characterization of a semantic unit is referred to as a domain”.

tidade conceitual (coisa, evento, propriedade), o veículo, fornece acesso mental a outra entidade conceitual (coisa, evento, propriedade), o alvo, dentro do mesmo *frame*, domínio ou modelo cognitivo idealizado” (KÖVECSES, 2006, p. 104)<sup>5</sup>.

O fato de metáforas conceptuais não serem apenas um expediente linguístico, mas uma forma de pensar, levou estudiosos como Forceville a pesquisar metáforas pictóricas, em que “alvo e fonte são inteiramente renderizados em termos visuais” (2008, p. 464)<sup>6</sup>, e multimodais, em que “alvo e fonte são representados, exclusiva ou predominantemente, em modos diferentes” (FORCEVILLE, 2006, p. 384)<sup>7</sup>.

Forceville (2006, p. 382) define modo como “um sistema de signos interpretável por causa de um processo de percepção específico”<sup>8</sup>. Entre os modos evidenciados pelo autor, incluem-se “(1) sinais pictóricos; (2) sinais escritos; (3) sinais falados; (4) gestos; (5) sons; (6) música; (7) cheiros; (8) sabores; (9) toque” (FORCEVILLE, 2006, p. 383)<sup>9</sup>.

Para finalizar a fundamentação teórica, uma conceituação de memes, devido aos administradores da UDD não terem considerado a imagem postada um meme. Segundo Torres (2016), “[n]o contexto da internet, meme é uma mensagem quase sempre de tom jocoso ou irônico que pode ou não ser acompanhada por uma imagem ou vídeo e que é intensamente compartilhada por usuários nas mídias sociais”.

### 3. Vidas perdidas: “e daí?”

No dia 7 de junho, os administradores da página UDD<sup>10</sup> postaram uma imagem relacionando o número de vítimas da COVID-19, seguida de algumas declarações controversas do presidente Bolsonaro, ao lado da imagem do rosto do chefe da nação exibindo expressões faciais igualmente não condizentes com as perdas dos brasileiros.

A página da UDD aparece dividida em duas partes: à esquerda do visualizador aparecem imagens pictóricas ou multimodais em uma parte fixa da tela; à direita, aparecem os comentários que vão sendo rolados para a leitura em uma parte móvel da tela. Acima dos comentários, além do nome da página, aparece uma legenda dos responsáveis pela postagem. Nesse caso, a legenda, que funciona como uma pista de construção de sentido, confere um tom de crítica às posturas do chefe da nação: “Podia ser meme, mas o pior de tudo é que não é. E tem gente que defende”. Provavelmente, devido à seriedade evidenciada pelo conteúdo do *post*<sup>11</sup>, os adminis-

<sup>5</sup> No original: “*Metonymy is a cognitive process in which a conceptual element or entity (thing, event, property), the vehicle, provides mental access to another conceptual entity (thing, event, property), the target, within the same frame, domain, or idealized cognitive model*”.

<sup>6</sup> No original: “*target and source are entirely rendered in visual terms*”.

<sup>7</sup> No original: “*target and source are each represented exclusively or predominantly in different modes*”.

<sup>8</sup> No original: “*that a mode is a sign system interpretable because of a specific perception process*”.

<sup>9</sup> No original: “*(1) pictorial signs; (2) written signs; (3) spoken signs; (4) gestures; (5) sounds; (6) music; (7) smells; (8) tastes; (9) touch*”.

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/uerjdadepressao/photos/a.275066142551968/3219355328123020>>. Acesso em 03 out. 2020.

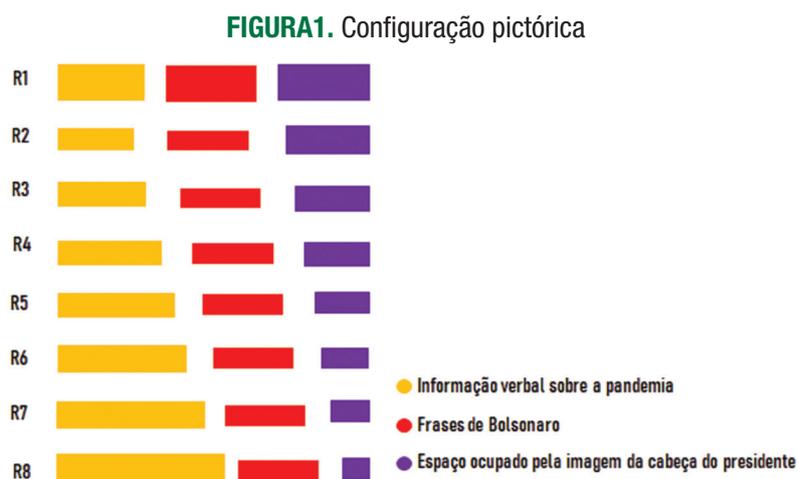
<sup>11</sup> O termo *postagem* será usado para referir o conjunto dos conteúdos da esquerda e da direita da tela capturada da UDD, ao passo que os termos *post* ou imagem postada serão usados para referir a imagem fixa da área esquerda.

tradores da página não consideraram essa produção multimodal um meme. (Sobre os comentários da interação, trataremos adiante.)

Na imagem postada, à medida que o número de mortes aumenta, o tamanho dos algarismos em amarelo também aumenta. A composição desses números, seguidos da palavra morte(s) e das frases de Bolsonaro, sugere visualmente um gráfico com barras horizontais.

O rosto do presidente, elemento visual/pictórico<sup>12</sup> da produção multimodal, vai sendo estreitado, conforme os elementos verbais ocupam mais espaço horizontalmente, à medida que o número de perdas cresce. Assim, em nível imagístico, podemos interpretar que as frases de Bolsonaro adquirem *status* de absurdo crescente em confronto com as mortes. O rosto ao lado do valor maior, antecedido da frase “Vamos esconder o número de mortos!”, aparece imprensado à direita.

Dessa forma, o elemento visual junto às expressões faciais reflete e intensifica as falas e o descaso governamental em dissonância com as vidas perdidas durante a pandemia, como se as afirmações do governante fossem sendo caladas pelas mortes. Essa configuração pictórica é representada na Figura 1.



Fonte: Produzida pelas autoras.

Nas regiões retangulares R1 a R8, o retângulo amarelo representa a informação verbal sobre a pandemia; o vermelho, as frases de Bolsonaro; o azul, o espaço ocupado pela imagem da cabeça do presidente. Em R1, os espaços para o informe sobre início da pandemia, a frase “Coronavírus é invenção da imprensa!” e a cabeça de Bolsonaro sobre um fundo colorido encontram-se equilibrados em termos dimensionais. À medida que as mortes aumentam, o espaço para a cabeça vai sendo imprensado à direita do visualizador, de modo que, em R8, não se visualiza quase nenhum fundo nem a cabeça inteira, apenas a face em destaque.

<sup>12</sup> Termos tomados como sinônimos, mesma estratégia usada por Forceville em vários textos.

As expressões faciais dialogam com as frases. Em R1, uma expressão séria de quem pretende denunciar uma verdade, a inexistência do vírus, uma invenção da imprensa mundial. Em R2, uma expressão brincalhona de quem conta uma piada, a fim de desmentir a gravidade da doença: “É só uma gripezinha!”. A frase de R3, “Tenho histórico de atleta!”, dialoga com a expressão facial fanfarrona, para ressaltar uma suposta imunidade à doença. A minimização do perigo da pandemia é marcada pela expressão dissimulada que acompanha a frase “Vão morrer alguns idosos!” de R4, evidenciando um descaso com parte da população mais suscetível ao vírus. Sobrancelhas arqueadas e dedos segurando o nariz, como se estivesse evitando sentir cheiro ruim, enfatizam a dissimulação e deboche.

As expressões raivosas de R5, com dedo indicador em riste, e R6, dialogam com as frases “Não sou covão!” e “E daí?”, respectivamente. Esses conjuntos verbo-pictóricos, frase-expressão facial, destacam a reação agressiva às cobranças, principalmente da imprensa, sobre as mortes frente ao negacionismo de Bolsonaro. A negação da crise sanitária diante das cobranças sobre o número crescente de mortes também está presente na expressão de raiva e irritação de R7, que, aliada à frase “A culpa é dos governadores e prefeitos!”, demonstra tentativa de Bolsonaro de eximir-se da responsabilidade pela situação enfrentada. Em R8, a feição de raiva e dissimulação, expressa pela íris dos olhos viradas para o lado, dialoga com a frase “Vamos esconder o número de mortos!”, de modo a ressaltar o ápice do negacionismo do presidente.

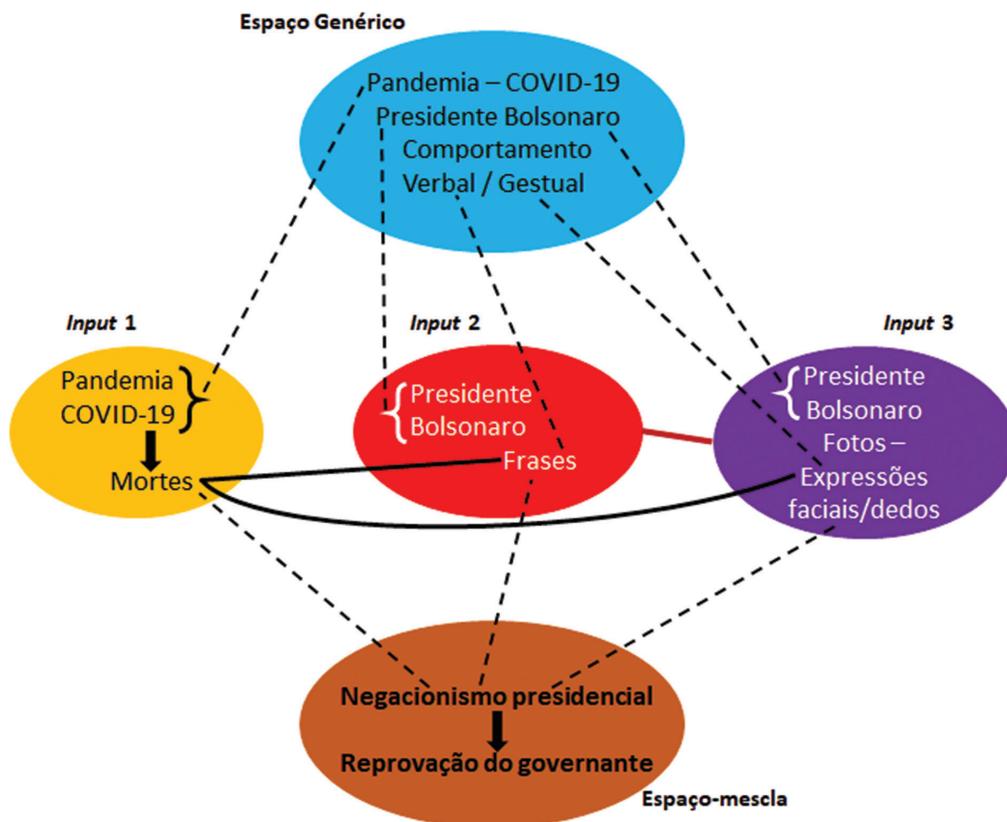
A configuração pictórica, composta por elementos verbais (número de mortes e frases) e visuais (fotos de Bolsonaro), pode ser descrita como uma integração conceptual entre estrutura material – número de mortes, frases, fotos – e estrutura conceptual – negacionismo presidencial. Consideramos o número de mortes um elemento material, porque, embora consistam em uma representação, reúnem contagem de vidas reais perdidas. As frases representam trechos de discursos igualmente reais, que evidenciam a forma de agir do presidente, sendo, pois, atos de fala. Entre os três elementos, as fotos revestem-se de maior materialidade, porque representam o próprio Bolsonaro, por meio da face e dos dedos das mãos em R4 e R5.

O conceito de negacionismo é intensificado pela configuração pictórica da produção multimodal postada no *site*, em razão da forma como os elementos pictográficos foram distribuídos e ressignificados por meio da distribuição espacial desses elementos. A integração conceptual dessa produção é apresentada na Figura 2.

Na Figura 2, o espaço mental de *input* 1 é aberto com base no *frame* PANDEMIA, composto pelo vírus causador da pandemia e as mortes causadas pela COVID-19. Assim, no *input* 1, é ativada a relação vital CAUSA-EFEITO, porque as mortes, um dos elementos do *post*, são causadas pela pandemia que afeta o mundo. Essa relação vital pode ser considerada uma especificação da relação PARTE-TODO, visto que EFEITO pode ser considerado PARTE da CAUSA. A ativação parcial de elementos do *input* 1 evidencia um processo metonímico, representado pela chave, que une pandemia e COVID-19, sendo essa doença, causada pelo novo coronavírus, um veículo para ativação do *frame* PANDEMIA. A seta representa a relação CAUSA-EFEITO.

No *input* 2, reunimos os elementos ligados às frases de Bolsonaro; logo, parte do *frame* BOLSONARO. Tanto nesse espaço quanto no terceiro ocorre a relação vital PAPEL-VALOR, assinalada pela chave, visto que Bolsonaro é um VALOR para o PAPEL de presidente. As frases que carac-

FIGURA 2. Integração conceitual



Fonte: Produzida pelas autoras.

terizam seu comportamento verbal consistem em uma parte de sua imagem; assim, também observamos a relação vital PARTE-TODO no processo metonímico ativado por essas frases. No *input 3*, as mesmas relações vitais são ativadas, pois as fotos selecionadas para composição do *post* representam o presidente, evidenciando sua postura diante das mortes.

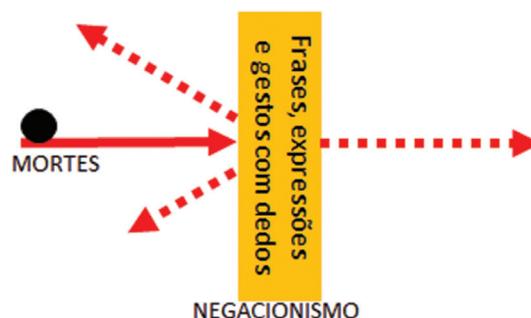
Os processos metonímicos FACE/GESTO PELA PESSOA e BOCA PELO DISCURSO PROFERIDO POR MEIO DA BOCA são fundamentados pelo esquema imagético UNIDADE/MULTIPLICIDADE, surgido da nossa experiência com eventos e objetos compostos de partes/etapas. Os espaços de *input 2* e *input 3* estão ligados por uma linha vermelha para assinalar a conexão por meio da relação vital de REPRESENTAÇÃO desses espaços, porque foram ativados por elementos ligados ao comportamento verbal e gestual do presidente, ambos os espaços baseados no *frame* BOLSONARO.

Em conjunto, os espaços 2 e 3 ativam elementos que podem ser considerados ATOS DE FALA na construção de sentido da produção multimodal. Em outras palavras, frases, proferidas em momentos e locais distintos, e fotos, capturadas também em momentos e locais distintos, são ressignificadas na conceptualização do *post* por meio da compressão das relações vitais de TEMPO e ESPAÇO, de modo a encenar presencialmente ATOS DE FALA contundentes, devido à materialidade alcançada pela integração conceitual entre os dados da realidade e o significado destes na configuração da imagem postada, considerando o contexto social brasileiro.

O espaço 1 conecta-se aos espaços 2 e 3, por meio de uma linha sólida preta, com base na relação conceptual CAUSA-EFEITO, já que as mortes são a CAUSA das frases proferidas e expressões faciais/gestuais (EFEITO), quando o presidente é questionado. Essa relação vital é fundamentada pelo esquema imagético COMPULSÃO (FORÇA EXTERNA), que provoca uma tentativa de BLOQUEIO por parte de Bolsonaro, por meio das frases e reações comportamentais agressivas. Assim MORTES SÃO COMPULSÕES, tentativamente BLOQUEADAS por ATOS DE FALA fanfarronista, debochado e raivoso, contra o NEGACIONISMO, com o qual a postura presidencial é caracterizada na construção de sentido do *post*.

Na Figura 3, representamos os esquemas de COMPULSÃO (seta vermelha cheia e esfera preta), BLOQUEIO (retângulo amarelo vertical) e DESVIO da COMPULSÃO (setas vermelhas pontilhadas à direita). A metáfora em nível de esquema imagético MORTES SÃO COMPULSÕES surge, pois, da correlação entre as experiências corporificadas com objetos e eventos que exercem força sobre nossos corpos. No nível do domínio (ou *frame*), o comportamento verbal e gestual de Bolsonaro pode ser relacionado à metáfora conceptual PESSOAS MORTAS (POR COVID-19) SÃO OBJETOS DESCARTÁVEIS.

FIGURA 3. Esquemas de COMPULSÃO, BLOQUEIO E DISPERSÃO



Fonte: Produzida pelas autoras.

Por meio das relações estabelecidas pelos elementos ativados dentro e entre os espaços 1 a 3, projetadas compositamente no espaço-mescla, novas relações conceptuais intensificam o negacionismo presidencial, que leva à reprovação do governante, por completamento. Logo, na mescla, o negacionismo é conceptualizado com INTENSIDADE e SINGULARIDADE, devido ao comportamento estupeficante do presidente diante das mortes causadas pela pandemia. Essa conceptualização do fracasso governamental é confirmada por interações de seguidores da UDD.

Em reação à postagem dos administradores, além de comentários, foram postadas imagens multimodais: entre essas, uma charge<sup>13</sup> que dialoga com a afirmação “Vamos esconder o número de mortos!”, porque mostra uma sujeira sendo escondida pelo presidente embaixo de um tapete,

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/diario-do-bolso-manipulando-os-numeros-da-pandemia/>> Acesso em: 26 out. 2020.

numa sala do Ministério da Saúde. À exceção de um caso, em que um usuário considera o *post* “Aquele argumento que ã convence..... Pois quem acompanha o presidente sabe que muitas dessas respostas são pra jornalistas toscos...”, os comentários acompanham o teor crítico dos autores da postagem em seu diálogo com a produção multimodal.

Como acontece em vários conteúdos postados na Internet, não foi possível saber a autoria da produção multimodal com estatísticas de mortes. Essa mesma imagem aparece no *site* do Sindicato dos Químicos do ABC, em matéria publicada no dia 8 de junho de 2020, às 19h33<sup>14</sup>; logo, um dia após o *post* da UDD. No mesmo dia da postagem da UDD (7/6/2020), encontramos produção semelhante em outra página do *Facebook*, com repetição de algumas falas presidenciais: “Gripezinha”, “Não sou covreiro”, “E daí?”, “Vamos parar de divulgar”<sup>15</sup>.

As falas presidenciais também foram objetos de matéria escrita na Internet, a saber: *sites* UOL<sup>16</sup> e *Hora do Povo*<sup>17</sup>. Algumas falas foram lembradas pelos usuários da página UDD. O comentário “Faltou o ‘Eu sou messias, mas não faço milagre’” gerou inclusive a postagem de uma produção multimodal de outro usuário com o rosto de Bolsonaro acompanhado das frases “Seu nome ecoará para sempre... [acima do rosto] Como o PIOR presidente da História do Brasil [abaixo do rosto]”, em que podemos observar um estilo aproximado ao de previsões religiosas, em razão da palavra messias, como um nome próprio, compor os sobrenomes do governante. Outro usuário comenta que “Faltou o ‘é o destino de todo mundo’”.

Logo, os comentários de usuários da UDD e de profissionais da imprensa corroboram o estaremcento frente ao negacionismo presidencial. Na próxima seção, analisamos mais um exemplo dessa postura de Bolsonaro.

#### 4. Deepfake um milhão de contaminados

Outra produção multimodal que critica o comportamento do presidente diante da crise sanitária é a *deepfake* criada por Bruno Sartori, intitulada “Um milhão de contaminados”, uma paródia do vídeo estrelado e publicado, em março de 2019, por Bettina Rudolph, jovem de 22 anos, redatora da casa de análise de investimentos *Empiricus*. No vídeo, Bettina afirma ter transformado cerca de mil e quinhentos reais em mais de um milhão de reais em três anos. Em seguida, apresentamos trechos do discurso proferido por Bettina em 2019 e a paródia criada por Sartori em 2020, textos 1 e 2<sup>18</sup>, respectivamente.

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://www.quimicosabc.org.br/noticias/ministerio-da-saude-omite-dados-sobre-a-pandemia-no-brasil-e-oms-pede-solucao-e-transparencia-3209/>>. Acesso em: 26 out. 2020.

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/orlandosilvasp/photos/a-guerra-de-bolsonaro-n%C3%A3o-%C3%A9-contra-o-coronav%C3%ADrus-%C3%A9-contra-a-imprensa-a-informa%C3%A7%C3%A3/3442600335801833/>>. Acesso em: 26 out. 2020.

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/01/todos-nos-vamos-morrer-um-dia-as-frases-de-bolsonaro-durante-a-pandemia.htm>>. Acesso em 26 out. 2020.

<sup>17</sup> Disponível em: <<https://horadopovo.com.br/bolsonaro-planeja-esconder-os-mortos-para-fraudar-numeros-da-pandemia/>>. Acesso em 26 out. 2020.

<sup>18</sup> Transcrições parciais dos textos dos vídeos feitas pelas autoras.

**Texto 1 – Fragmentos do discurso enunciado por Bettina:**

Oi! Meu nome é Bettina, eu tenho vinte e dois anos e um milhão e quarenta e dois mil reais de patrimônio acumulado. (...) Ninguém acha normal eu ter juntado mais de 1 milhão de reais, assim tão nova e começando com muito pouco. (...) Eu vivo falando por aí (...): “Eu comprei ações na bolsa de valores!”. (...) Comecei com dezenove anos e mil quinhentos e vinte reais. Três anos depois, tenho mais de um milhão! (...) Se você tiver as mesmas ações que eu tenho, vai lucrar proporcionalmente o mesmo que eu. Isso vale para as perdas também. (...) Resultados diferentes exigem atitudes diferentes. Botão azul!

**Texto 2 – Fragmentos da paródia enunciada na *deepfake*:**

Oi! Meu nome é Bolsonaro, eu tenho um ano e meio de governo e mais de um milhão de casos de COVID-19 acumulados. (...) Ninguém acha normal eu ter vitimizado mais de um milhão de pessoas assim (...). Eu vivo falando por aí (...): “É só uma gripezinha... Um resfriadinho!”. (...) Comecei dizendo que era tudo uma farsa inventada pela grande mídia. Três meses depois, tenho mais de um milhão! (...) Se você tiver as mesmas ações que eu tenho, vai transmitir proporcionalmente o mesmo que eu. Isso vale pras perdas também. (...) Resultados diferentes exigem atitudes diferentes. Fure a quarentena.

Os discursos iniciam-se com apresentação pessoal e autopromoção dos falantes Bettina/Bolsonaro, em seguida, argumenta-se que há um passo a passo simples a ser seguido para se atingir uma meta bem definida, ganhos de investimento de um milhão de reais ou um milhão de brasileiros contaminados pelo novo coronavírus. Os discursos encerram-se com conselhos aos receptores: clicar no botão azul para acessar o passo a passo ou furar a quarentena, compreendidos como os meios para se atingir os objetivos.

A paródia atualiza discursos enunciados por Bolsonaro em resposta à imprensa quando questionado sobre o constante crescimento do número de contaminados por COVID-19 no Brasil: “É só uma gripezinha, um resfriadinho” e “É tudo uma farsa inventada pela grande mídia”, conceptualizados como passos iniciais ou origem da disseminação do novo coronavírus e, conseqüentemente, do trajeto que culmina na meta de um milhão de infectados.

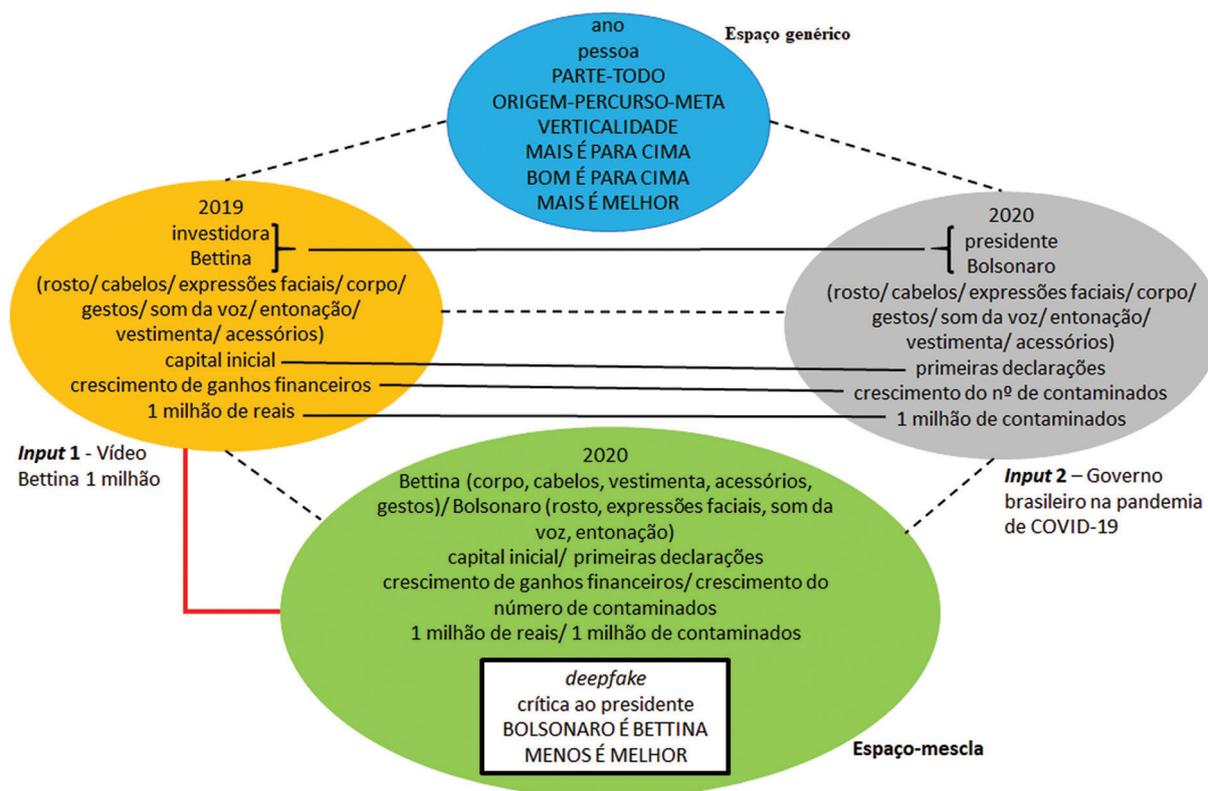
Além do texto verbal da paródia, para a construção da produção multimodal, integram-se os gestos de Bettina no vídeo de 2019, a entonação e o som da voz de Bolsonaro e elementos imagéticos, quais sejam: o corpo, os cabelos, a vestimenta e os acessórios de Bettina<sup>19</sup> e o rosto e as expressões faciais do presidente.<sup>20</sup>

Na Figura 4, propomos um diagrama de integração conceptual da *deepfake* “Um milhão de contaminados”.

O *input 1* é estruturado pelo *frame* do vídeo estrelado por Bettina Rudolph em 2019, a partir de elementos dos domínios INVESTIMENTO FINANCEIRO e PROPAGANDA. Esse *input* se constitui dos seguintes elementos: ano da gravação e divulgação do vídeo, 2019; nome próprio da protagonista, Bettina; seu papel de investidora, partes de seu corpo, características físicas, sua vestimenta e seus acessórios. O acesso à entidade Bettina ocorre por meio de gatilhos multimodais, sinais pictóricos – cabelos, corpo, vestimentas, acessórios – e gestos.

<sup>19</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=mg\\_xhkux6Ys&ab\\_channel=BrunoSartori](https://www.youtube.com/watch?v=mg_xhkux6Ys&ab_channel=BrunoSartori). Acesso em: 20 nov. 2020.

<sup>20</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=knIHvor2gHs&ab\\_channel=AquilesTv](https://www.youtube.com/watch?v=knIHvor2gHs&ab_channel=AquilesTv). Acesso em 20 nov. 2020.

FIGURA 4. Integração conceptual da *deepfake* “Um milhão de contaminados”

Fonte: Produzida pelas autoras.

Do domínio INVESTIMENTO FINANCEIRO, ativados por sinais verbais, representam-se os elementos capital inicial aplicado, que, no *frame* do vídeo, aproxima-se de R\$ 1.500,00; crescimento do lucro resultante da rentabilidade da aplicação; e ganhos acumulados, que, no *frame*, ultrapassam um milhão de reais. O propósito comunicativo do vídeo – levar o leitor a acessar o botão azul, *link* para uma espécie de tutorial de investimento, e, em última instância, consumir os serviços da empresa de investimentos *Empiricus* – é processado em razão da ativação do domínio PROPAGANDA.

O *input 2* estrutura-se a partir dos domínios GOVERNO BRASILEIRO e CRISE SANITÁRIA. Do *frame* de sistema presidencialista, ativam-se o PAPEL de presidente e o VALOR que o ocupa, Bolsonaro. Para a representação de Bolsonaro, são trazidos à memória de trabalho conhecimentos sobre sua aparência, formas de seu rosto, corpo, cabelos, expressões faciais, estilo de vestimenta e acessórios; e memórias de gestos, som da voz e entonação. Todos esses elementos são recrutados a partir de quatro gatilhos que constituem a *deepfake*: a imagem do rosto de Bolsonaro, a reprodução de suas expressões faciais, o som de sua voz e sua entonação.

Do *frame* PANDEMIA, aciona-se o ano de disseminação dos casos de contaminação pelo novo coronavírus no Brasil, 2020; o conhecimento sobre o potencial de contaminação do vírus e o elevado número de contaminados. Recuperam-se ainda ATOS DE FALA declarativos: “é só uma gripezinha”, “um resfriadinho” e “é tudo uma farsa inventada pela grande mídia”.

A relação vital PAPEL-VALOR atua em ambos os *inputs*, o que é sinalizado pelo uso de chaves no diagrama. Assim, no *input 1*, *Bettina* é um VALOR para o PAPEL investidora; no *input 2*, *Bolsonaro* é um VALOR para o PAPEL presidente.

As projeções entre os *inputs* são possibilitadas pelo espaço genérico, em que se representam conhecimentos básicos comuns aos elementos dos *inputs*, os conceitos de ano e pessoa; os esquemas imagéticos PARTE-TODO, ORIGEM-PERCURSO-META e VERTICALIDADE; e as metáforas conceptuais MAIS É PARA CIMA, BOM É PARA CIMA e MAIS É MELHOR.

Entre os *inputs*, ocorre projeção analógica entre os elementos *Bettina* e *Bolsonaro*, pois ambos exercem o papel de acumulador, construindo-se a metáfora multimodal BOLSONARO É BETTINA. A construção da metáfora fundamenta-se no esquema imagético PARTE-TODO e é possibilitada pela projeção inesperada da imagem do rosto de Jair Bolsonaro e de suas expressões faciais, do som de sua voz e de sua entonação na imagem e nos gestos de Bettina Rudolph no vídeo de 2019.

A relação de ANALOGIA ocorre também entre os elementos capital inicial investido e primeiras declarações de Bolsonaro acerca do número de brasileiros infectados (“é só uma gripezinha, um resfriadinho” e “é tudo uma farsa da grande mídia”), conceptualizadas como ORIGEM do esquema de TRAJETÓRIA; entre o crescimento de ganhos financeiros e o crescimento do número de contaminados, compreendidos como PERCURSO; e entre um milhão de reais e um milhão de contaminados, conceptualizados como META.

Para o espaço-mescla, projetam-se os elementos corpo, cabelos, gestos, vestimenta e acessórios, do *input 1*, veículos selecionados metonimicamente para o acesso à entidade Bettina. Do *input 2*, projeta-se o ano de 2020 e os elementos rosto, expressões faciais, som da voz e entonação, que permitem o acesso à entidade Bolsonaro. Na mescla, a relação PAPEL-VALOR entre Bettina e investidora e Bolsonaro e presidente comprimem-se nos valores Bettina e Bolsonaro; e as relações de ANALOGIA fundamentadas no esquema de TRAJETÓRIA comprimem-se em UNICIDADE. Assim, emerge a metáfora multimodal BOLSONARO É BETTINA e a *deepfake* em que o elevado número de contaminados pelo novo coronavírus é conceptualizado como ganhos pessoais acumulados pelo presidente, responsabilizando-o pela crise sanitária.

Como produtos da mescla, emergem ainda a crítica à postura de Bolsonaro frente à pandemia da COVID-19 e a metáfora MENOS É MELHOR, POR DESANALOGIA (representada, no diagrama, pelas linhas contínuas em *L*) com o *input 1*, em que o acúmulo de ganhos financeiros é sociocognitivamente reconhecido como positivo, tendo em vista a implicação metafórica MAIS É MELHOR, constituída a partir das metáforas conceptuais MAIS É PARA CIMA e BOM É PARA CIMA, cujos domínios fonte são estruturados pelo esquema de VERTICALIDADE.

## 5. Considerações finais

Classificamos as duas redes de integração conceptual propostas como rede de escopo duplo, pois o espaço-mescla é constituído pelos *frames* organizacionais herdados de ambos os *inputs*. Embora a Figura 3 apresente três *inputs*, os espaços 2 e 3 baseiam-se no mesmo *frame*: BOLSONARO.

Além de otimizar a construção de sentidos, uma das metas a serem alcançadas pela integração conceptual é contar uma história. Na postagem da UDD, relata-se a história das vidas perdidas em meio à ausência de postura condizente com a gravidade da situação. Isso é revelado pelo movimento representado pela configuração pictórica que evidencia o aumento das mortes em contrapartida ao negacionismo e à incompetência do chefe da nação. Na *deepfake*, conta-se a história de como chegamos a um milhão de infectados, na ocasião da criação dessa produção multimodal.

Assim, a cada interação mediada por recursos materiais tecnológicos, mesclas são ativadas, mundos são criados, pessoas tornam-se avatares que denunciam o cenário pandêmico nacional. Signos linguísticos e visuais mesclam-se nas interações entre usuários de páginas da Internet de forma criativa e complexa, apesar da espontaneidade com que memes, *emoticons*, figurinhas, vídeos, entre outras semioses, são empregadas.

Considera-se, por fim, que a opção por analisar memes e *deepfake* colabora com as pesquisas sobre metáforas pictórica e multimodal construídas *on-line*, via mesclagem, uma vez que as análises corroboram a adequação de constructos teóricos da semântica cognitiva para descrever a conceptualização e interpretação de textos multimodais e sugerem caminhos de investigação quanto ao papel desempenhado pelo gênero discursivo e por cada semiose escolhida nas produções multimodais para a construção de sentidos.

## REFERÊNCIAS

AQUILESTv. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=knIHvor2gHs&ab\\_channel=AquilesTv](https://www.youtube.com/watch?v=knIHvor2gHs&ab_channel=AquilesTv)>. Acesso em 20 nov. 2020.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. **The way we think**: conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basis Books, 2002.

FILLMORE, Charles J. Frame semantics. *In*: GEERAERTS, Dirk (ed.). **Cognitive linguistics**: basic readings. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, p. 373-400, 2006.

FORCEVILLE, Charles. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: Agendas for research. *In*: KRISTIANSEN, Gitte; ACHARD, Michel; DIRVEN, René; IBÁÑEZ, Francisco Ruiz de Mendoza (eds.). **Cognitive linguistics**: current applications and future perspectives. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p. 379-402, 2006.

FORCEVILLE, Charles. Metaphor in pictures and multimodal representations. *In*: GIBBS Jr, Raymond W. (ed.). **The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 462-482, 2008.

GIBBS Jr, Raymond W.; COLSTON, Herbert L. The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. *In*: GEERAERTS, Dirk (ed.). **Cognitive linguistic**: basic readings. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.

HORA DO POVO. Disponível em: <<https://horadopovo.com.br/bolsonaro-planeja-esconder-os-mortos-para-fraudar-numeros-da-pandemia/>>. Acesso em 26 out. 2020.



HUTCHINS, Edwin. Material anchors for conceptual blends. **Journal of Pragmatics**, n. 37, p.1555-1577, 2005.

JOHNSON, Mark. **The body in the mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

JORNALISTAS LIVRES. Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/diario-do-bolso-manipulando-os-numeros-da-pandemia/>> Acesso em: 26 out. 2020.

KÖVECSES, Zóltan. **Language, mind and culture: a practical introduction**. New York: Oxford University Press, 2006.

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things**. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana** [coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto]. Campinas-SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, [1980] 2002.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites v. I**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

SARTOTI, Bruno. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=mg\\_xhkux6Ys&ab\\_channel=BrunoSartori](https://www.youtube.com/watch?v=mg_xhkux6Ys&ab_channel=BrunoSartori)>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SILVA, Orlando. Disponível em: <<https://www.facebook.com/orlandosilvasp/photos/a-guerra-de-bolsonaro-n%C3%A3o-%C3%A9-contra-o-coronav%C3%ADrus-%C3%A9-contra-a-imprensa-a-informa%C3%A7%C3%A3/3442600335801833/>>. Acesso em: 26 out. 2020.

SINDICATO DOS QUÍMICOS. Disponível em: <<http://www.quimicosabc.org.br/noticias/ministerio-da-saude-omite-dados-sobre-a-pandemia-no-brasil-e-oms-pede-solucao-e-transparencia-3209/>>. Acesso em: 26 out. 2020.

TORRES, Ton. O fenômeno dos memes. **Ciência e cultura**, v. 68 n. 3, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602016000300018>>. Acesso em 26/12/2020.

UERJ DA DEPRESSÃO. Disponível em: <<https://www.facebook.com/uerjdadepressao/photos/a.275066142551968/3219355328123020>>. Acesso em 03 out. 2020.

UOL Notícias. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/01/todos-nos-vamos-morrer-um-dia-as-frases-de-bolsonaro-durante-a-pandemia.htm>>. Acesso em 26 out. 2020.